

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE DIREITO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CRIMINAIS  
MESTRADO EM CIÊNCIAS CRIMINAIS**

**RENATA GUADAGNIN**

*A Criminologia Natimorta*

**Um ensaio sobre a linguagem do subsolo e sua é(st)ética**

**- Os Outros: Projetos MC's Para Paz e Artinclusão -**

**PORTO ALEGRE**

**2014**

**RENATA GUADAGNIN**

*A Criminologia Natimorta*

**Um ensaio sobre a linguagem do subsolo e sua é(st)ética**

**- Os Outros: Projetos MC's Para Paz e Artinclusão -**

Dissertação de Mestrado apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências Criminais, sob a orientação do Professor Doutor Ricardo Jacobsen Gloeckner.

Área de concentração: Sistema Penal e Violência.

Linha de pesquisa: Criminologia e Controle Social.

**PORTO ALEGRE**

**2014**

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G93c

Guadagnin, Renata

A Criminologia natimorta um ensaio sobre a linguagem do subsolo e sua é(sté)tica : os outros: Projetos MC's Para Paz e Artinclusão / Renata Guadagnin. – Porto Alegre, 2014.  
127 f. : il.

Diss. (Mestrado em Ciências Criminais) – Fac. de Direito,  
PUCRS.

Orientação: Prof. Dr. Ricardo Jacobsen Gloeckner.

1. Criminologia. 2. Violência. 3. Estética. I. Gloeckner, Ricardo  
Jacobsen, II. Título.

CDD 341.59

**Ficha Catalográfica elaborada por  
Vanessa Pinent  
CRB 10/1297**

**RENATA GUADAGNIN**

*A Criminologia Natimorta*

**Um ensaio sobre a linguagem do subsolo e sua é(st)ética**

**- Os Outros: Projetos MC's Para Paz e Artinclusão -**

**Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Ciências Criminas do Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais da Faculdade de Direito da PUCRS.**

**APROVADO EM: 16 DE DEZEMBRO DE 2014.**

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Orientador Prof. Dr. Ricardo Jacobsen Gloeckner - PUCRS**

---

**Examinador Prof. Dr. Ricardo Timm de Souza - PUCRS**

---

**Examinador Prof. Dr. Augusto Jobim do Amaral – FADIR/PUCRS**

## AGRADECIMENTOS

À minha família, por me permitirem renascer todos os dias: estrelas de vida desde o embrião. Em especial aos meus pais, Luis Alberto e Mara Lúcia, pela convocação à vida, um sem-palavras é o universo do agradecimento. À minha prima-irmã, Mariana Gottfried que, com paciência acompanhou os dias de escrita e ao mesmo tempo respeitou a eventual ausência, obrigada por dividir sorrisos e lágrimas, minha ovelha-negra.

Ao Grégori Elias Laitano, por estar ao lado e repousar a mão sobre a minha, a minha sobre a tua, linguagem outra, indizível e atenta: “*e se o olhar fosse justamente confrontação de duas respirações?*”, pois assim descobrimos que “*é tempo que se saiba*” de fazer falar a um coração, com amor!

Aos amigos Marco Antonio Scapini, Jerônimo Milone e Evanadro Pontel, conversas fiadas, filosóficas e poéticas sempre inspiradoras no compartilhar diferentes momentos acadêmicos e de amizade mesmo. Agradeço também à Paula Helena Schmitt, Juliano Carvalho, Rosa Maria Zaia Borges, Gustavo Oliveira de Lima Pereira, Guilherme Dornelles, Tiago Luz e Juliana Strehlau pelos passos ao lado e também pelos passos tortos e distantes: caminhos que deixam marcas.

À Cristina Mazzaferro, por seus olhos e ouvidos atentos e precisos.

À Cíntia Voos Kaspary, pela paciência e insistência em me encorajar, língua estrangeira vinda de outro lugar, também pela amizade.

Ao meu orientador, com todo o peso, e também leveza que possa significar o gesto de orientar. Ricardo Jacobsen Gloeckner, por permitir muitas trocas e preservar sempre a liberdade da escrita e de escolha, e especialmente pelos seguintes momentos singulares: “...deixa a arte poética invadir...” e “...de resto, taca-lhe pau!”, por tua confiança, agradeço na desmedida da palavra: *obrigada!*

Ao professor Ricardo Timm de Souza, agradeço por suas palavras e também silêncios, movimento dos livros aos seminários que se fazem presente nessas linhas até o infinito espaço do caminho que se segue, um não-lugar impulsionado pelo gesto ético, reticências da linguagem...

Ao professor Augusto Jobim do Amaral, pelo seu sempre olhar paciente e incentivador, atento e cuidadoso, antes e agora também, não cabe aqui o tamanho do agradecimento...

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais da PUCRS, ao Comitê de Ética PUCRS, e a CAPES por tornarem viável, aprovando, autorizando e financiando a realização desta pesquisa. À Superintendência de Serviços Penitenciários do Rio Grande do Sul, à Fundação de Atendimento Socioeducativo e à Escola de Serviços Penitenciários do Rio Grande do Sul, por acreditarem e autorizarem o acompanhamento dos grupos e projetos envolvidos neste trabalho. A todos aqueles que compõem a secretaria do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Direito, pela paciência, agradeço a todos na pessoa da Márcia Lopes e da Caren Klinger, que já acompanhavam o caminho das pesquisas desde a graduação.

A todas as Instituições que abriram suas portas. Aos profissionais que nelas encontrei, encontrei muitas vezes colegas e amigos que mostram o quanto é necessário resistir e ter força. Em especial: Aloízio Pedersen, Fernanda Bassani, Janice Ribeiro, Jaqueline Jesus, Jessyca Barcellos, Rukaya Hasen. Ao Cel. Paulo Rogério Farias Medeiros. Ao Diretor da FASE Case POA II, “seu” Jacó.

E, sem dúvidas, mais do que especial é o agradecimento a todos os integrantes dos Projetos MC's Para Paz e Artinclusão, por sua acolhida e experiência, sem qualquer sombra, mas sempre à sombra, movida por um sem-palavras do experimentar o Outro, a grandeza-sem-tamanho do encontro com o real, o sentir na pele: obrigada!

*Fala-se em vão de justiça enquanto o maior dos navios  
de guerra não se despedaçar contra a frente de um afogado.*

*Paul Celan - Contraluz - 12/03/1949*

*O fim está no começo e, no entanto, continua-se.*

*Samuel Beckett - Fim de Partida*

## RESUMO

Trata-se de uma abordagem desde o nascimento morto. Um olhar através do cadáver da Criminologia e dos ruídos que os ossos ainda são capazes de promover através da linguagem radicalmente outra. Possibilidade de dizermos um não-dito, procura incessante pela palavra, experiência que nos atravessa e continua a maturar um dizer sem dizer, na temporalidade. A partir de uma breve narrativa sobre o encontro com Os Outros homens do subsolo – Odradek's, dos projetos MC's Para Paz e Artinclusão. Encontro É(sté)tico, e por isso a relação dialética entre a Filosofia e a Arte, Filosofia e Literatura, de um pensar filosófico crítico, estará sutilmente presente. Ensaio que tenta dizer antes, sobre o testemunho de uma linguagem, que carrega em si a responsabilidade, comprometimento ético desde o princípio, como suspiro de um ambiente historicamente criado para conduzir à aniquilação da diferença. É o “exercício” de escrever um texto que desliza pelo ensaio, acompanhados de Adorno, e pela narrativa, no assombro de Benjamin, como um experimentar da própria linguagem deste subsolo sem subsumi-la à voz de um grotesco morto que nada poderia dizer, exceto o seu grito mudo. Estamos às voltas com o olhar crítico acerca da Criminologia e da violência desde outro lugar, de uma vida que, apesar da sentença à morte desde o nascimento, resiste em sobreviver nas entranhas dos lugarejos opacos até que possa irromper a vida às bordas de uma margem que ultrapassa a lente de observação que cabe no espaço deserto de uma folha em banco, apesar do insistente esforço de fazê-lo sem perder a lucidez crítica acerca dos projetos e das Instituições carcerárias. Violência articulada para uma cultura punitiva que reafirme o subsolo como um grotesco lugar dos mortos, anulando a possibilidade do nascimento vital criminológico, reafirmando o logos de uma razão hegemônica ardilosa para o aniquilamento. Pois então a isto se presta este trabalho, estar em qualquer outro lugar para além de uma disciplina, para um real enfrentamento da violência, da dor e do sofrimento que este subsolo exprime através desta linguagem que causa estranheza, e que suas entranhas estão a falar, possibilidade de ruptura do desprezo e do medo do diferente, irrupção do encontro ético.

**Palavras chave:** Criminologia; Linguagem; Prisão; Subsolo; É(sté)tica.

## RÉSUMÉ

Il s'agit d'une approche depuis la naissance morte. Un regard à travers le cadavre de la Criminologie et les bruits que les os sont encore en mesure de promouvoir en traversant le langage entièrement autre. La possibilité de dire le non-dit, l'incessante recherche du mot, l'expérience qui nous traverse et continue à développer un dire sans dire, dans la temporalité. D'un bref récit de la rencontre avec Les Autres hommes du sous-sol – Odradek's, des projets MC's Para Paz (Multiplicateurs de Citoyenneté Pour la Paix) et Anticlusão (L'Art-inclusion). La rencontre E(sthé)tique, de ce fait la relation dialectique entre la Philosophie et l'Art, la Philosophie et la Littérature, d'une pensée philosophique critique, qui sera subtilement présente. Essai qui essaie de dire avant, à propos du témoignage d'un langage qui porte sur elle-même la responsabilité, l'engagement éthique dès le début, comme un soupir de l'environnement créé historiquement pour conduire à l'anéantissement de la différence; Il est «l'exercice» d'écrire un texte qui devient l'essai, accompagnés par Adorno, et par le récit, l'étonnement de Benjamin, comme une expérience du langage même de ce sous-sol sans le subsumer à la voix d'un mort grotesque qui ne pouvait rien dire, sauf son cri muet. Nous traitons avec l'œil critique autour de la criminologie et de la violence d'un autre endroit, d'une vie que, malgré la peine de mort depuis la naissance, elle résiste à survivre dans les entrailles de villages opaques jusqu'à ce qu'elle puisse faire éclater la vie aux bords d'une marge qui va au-delà de l'objectif d'observation qui s'accorde à la région désertique d'une feuille blanche, malgré les efforts insistants de le faire sans perdre la lucidité critique autour des projets et des établissements pénitentiaires. Violence articulée à une culture punitive qui réaffirme le sous-sol comme un lieu grotesque de la mort, en niant la possibilité de la naissance vitale de la criminologie, en réaffirmant les logos d'une raison hégémonique astucieuse pour l'anéantissement. De cette façon, il se présente le but de ce travail, être nulle part ailleurs qu'à une discipline, pour un vrai combat de la violence, de la douleur et de la souffrance que ce souterrain exprime à travers ce langage qui est étrange, et dont ces tripes parlent, la possibilité de rupture du mépris et de la peur du différent, l'irruption de la rencontre éthique.

**Mots-clés:** Criminologie; Langage; Prison; Sous-sol; E(sthé)tique.

## Sumário

INTRODUÇÃO.....	11
Preâmbulo	
Criminologia: o sussurrar resíduos da palavra dos mortos .....	17
Capítulo I. <i>Post Mortem do Natimorto</i>	
<i>Irrupção da Linguagem</i> – o balbuciar do cadáver inscreve a palavra na escritura da memória e em cada lado do Piropo, pensar em narrar.....	26
Capítulo II. <i>Odradek</i>	
<i>Os outros, homens do subsolo</i> : apesar dos fragmentos os seus olhos são reais.....	41
Capítulo II. O Grotesco	
“Expressar o horror através do silêncio”: É(sté)tica e Arte, Justiça e Ética – através de um gesto de resistência no estranhamento da palavra, da linguagem e do vocábulo.....	61
Reflexões Finais. Im-possibilidade do Fim.	
O grito para uma abertura é(sté)tica: “empreender o negativo, pois o positivo já nos foi dado”.....	94
Referências Bibliográficas.....	98
Anexos.....	103



*“Une apparition”* de Sacha Sosno (Técnica mista Bretão e Mármore, 1993).

Fonte: [http://www.sosno.com/oeuvre\\_sculpture.php?cat=oeuvre\\_detail\\_sculpture](http://www.sosno.com/oeuvre_sculpture.php?cat=oeuvre_detail_sculpture), acesso 19 set. 2014.

*Assim, a arte é o lugar da insatisfação e da insegurança.  
Ela tem um nome: destruição de si mesmo, desagregação infinita,  
e um outro nome: ventura e eternidade.*

**Blanchot**

*Assim, de qualquer ângulo que eu examine o caso, resulta sempre a convicção  
de que, se eu esconder esse assunto sem importância com a mão, mesmo de  
leve, poderei seguir o curso normal da minha vida ainda por muito tempo sem  
que o mundo me importune apesar dos surtos da mulherzinha.*

**Franz Kafka**  
Mulherzinha

## INTRODUÇÃO

[...] *O ensaio procede, por assim dizer, metodicamente sem método.*

Theodor Adorno<sup>1</sup>

*Contudo, mesmo reconhecendo a necessidade das categorias que fazem tábula rasa das diferenças para descrever a realidade, devemos também aceitar, com humildade, que muita coisa fica de fora, nessa operação de conhecimento. O que se mutila, às vezes é o essencial e faz toda a diferença.*

Celso Athayde; MV Bill; Luiz Eduardo Soares<sup>2</sup>

“*Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara*”, a citação dessa epígrafe inventada, retirada do fictício Livro dos Conselhos, apresenta a tarefa que Saramago propõe ao leitor ao longo de cada página do romance “*Ensaio Sobre a Cegueira*”: a responsabilidade de ter olhos quando os outros os perderam, a capacidade de interpretar o que se vê e de também reparar, consertar, aquilo que precisa ser mudado e visto pelos olhos “*cegos*” do mundo. Talvez esteja aí as mãos do movimento ético da Criminologia que se deveria tentar alcançar. Porém, muitas vezes inatingível, permanecendo nos limites tênues de uma disciplina,<sup>3</sup> e é neste sentido que consideramos sua morte prematura, como logos de uma racionalidade hegemônica, ela nasce morta, pois, colocando o logos antes da ética, já se rompe a sua possibilidade ética desde o cordão umbilical, no nascimento. Nosso objetivo é o de ficar fora deste campo, na essência ética do relacionar-se com o outro, alteridade. Trabalho a ser tecido *além-de* ou *apesar-de*, resistência à fórmula que diz o que está dentro ou fora do campo de estudo desta *disciplina*. E, na forma de ensaio narrativo, procurar a abertura na linguagem para trazer à tona os restos de histórias ouvidas, observadas e, em especial, experienciadas em nossa óptica, ampliando, ou melhor, quebrando as lentes de uma observação para tornar possível um diálogo *entre* as margens de uma separação tradicional “*academia*” e “*realidade*”, para justamente movimentar as mãos às bordas da *arte*, muito embora também questionando o conceito de arte interpelado pelas

---

<sup>1</sup> ADORNO, Theodor. *O ensaio como forma*. In **Notas de Literatura I**. Tradução Jorge de Almeida. 2ª Ed. São Paulo: Editora 34, 2012, p. 30.

<sup>2</sup> ATHAYDE, Celso; MV Bill; SOARES, Luiz Eduardo. **Cabeça de Porco**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005, 129.

<sup>3</sup> Neste sentido, cf. GLOECKNER, Ricardo Jacobsen; AMARAL, Augusto Jobim do. **Criminologia e(m) Crítica**. Curitiba: Editora Champagnat – PUC PR; Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. Em especial, p. 37: Como apontara Márquez, “*la fatalidade nos hace invisibles(?)*”. Invisibilidade, marca característica da irresponsabilidade, lição que deveríamos ter herdado de casos como os de Eichmann, Barbie, dentre outros. O discurso criminológico tenta invisibilizar a autocontradição entre o objeto da disciplina e seus pretensos fundadores, os criminólogos. Quem seria preciso salvar? A criminologia? Os criminólogos? A resposta que Márquez ofereceria se daria no campo do inacessível. Pensar na criminologia seria possível sem os criminólogos. Entretanto, ainda assim, haveria criminologia? Além de resposta, fica a dúvida”.

instituições, e ultrapassar quaisquer barreiras formais impostas pelo tipo de ensino que ainda hoje encontramos acerca da violência e de sua cultura punitiva. Esbarramos, muitas vezes, nossas teorias na realidade e ali é também a fonte de conhecimento sempre em movimento, é então esta uma divisão impossível, e o *novo da experiência* fica subsumido ao irrelevante do nada que se apresenta com uma máscara diferente do conhecido – agora – e do real diferente, “a faca que divide o tempo em dois: o antes e o agora”, segundo Otávio Paz.<sup>4</sup>

Uma ranhura, rachadura incomodativa é essa de ouvir as vozes do Outro quando este Outro está num poço bem profundo e ali sua voz ecoa muda, e também a de escutar a sua própria voz na sombra destes tantos Outros depois da experiência, “*escrever como ato ético*”,<sup>5</sup> é traçar movimento e abertura para uma linguagem ética e por isso a abertura *através* da literatura, da poesia e da arte que aqui iremos perseguir acompanhados da filosofia, este nos parece o caminho para que se consiga chegar a um lugar ainda além do conceito de uma cultura punitiva, porque também anterior, traçando essa abertura com o choque de *uma* morte desde o nascimento, que se apresenta no *Preâmbulo* para compreender a Criminologia além dos seus disciplinares desdobramentos técnicos, e compreendê-la como a *possibilidade* da desconstrução do discurso de violência, de uma *Realpolitik* muito bem articulada para aniquilação do Outro. Portanto, a crimino-logia, representa aqui os possíveis sussurros de *resíduos* da palavra dos mortos, dos natimortos, porque já condenados antes de serem culpados, do contrário, a possibilidade de nascer uma criminologia estaria morta em sua própria tentativa de conceituação, restando sem vida, sem cor, impossibilitando a abertura para uma linguagem que, desde outro lugar, possa fazer balbuciar *ruídos* para além dos *resíduos* já mortos, assim, estaremos com ela, mas também, para além. Com esta morte simbólica da *técnica da procura pelo logos do crime*, já em seu nascimento, tentamos expor a irrupção de uma linguagem para compreender a *Narrativa*, como um gesto radicalmente ético, através, especialmente, de Walter Benjamin, mas também acompanhada por outros, e a isto se dedica nosso *primeiro capítulo*. Como momento de expressão da experiência sobre e através de uma linguagem e de uma realidade, é a busca por capturar o sentido de uma espécie de essência narrativa como uma linguagem que não se reduza a uma descrição meramente, *dizer* que não se reduz ao *dito*, mas se expressa através dele e, em certo sentido, desdizendo-o, como gesto de responsabilidade com o real sem esgotá-lo, expressão da temporalidade.

Assim, estaremos de um extrato a outro, procurando exprimir a importância da questão

<sup>4</sup> PAZ, Otávio. *Os Filhos do Barro*. Tradução de Olga Savary. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 20.

<sup>5</sup> SOUZA, Ricardo Timm de. *Escrever como ato ético*. Letras de Hoje (Online), v. 48, p. 223-226, 2013.

Narrativa em nosso trabalho, o que possibilitará a tentativa de expressar o que significou e significa a experiência de estar num outro lugar de fala em relação às grades e aos projetos que acompanhamos ao longo de um ano, antes com o intuito de verificar como era articulada a questão da cultura e da arte dentro da cadeia, mas agora, também como linguagem e silêncio de uma vida que insiste em sobreviver e resistir. A esta experiência de subsolo, de estar à margem – e não porque estamos falando de cadeia e ela esteja à margem da sociedade, ao contrário, é também parte integrante e reflexo dela – que o experimentar o Outro nos permite estar como não-lugar de si mesmo, como outro de si mesmo, além de si, é que se debruça o *segundo capítulo*, procurando demonstrar como estes “*humanos-sombra*” dentro do calabouço, do subsolo, do poço, estão ainda a respirar e a provocar pausas de respiração mesmo com o desejo das paredes cinzas-pulsante de seu aniquilamento. É no limiar de, ora um ensaio, ora um *espírito* narrativo, que se propõem livres porque *servem* ao pensamento crítico entrelaçando com a autonomia estética que move nossas investidas sobre essa forma de escrita, à medida que torna possível o movimento entre o elemento expressivo e o seu conteúdo, acerca do sistema penitenciário brasileiro ainda que esta crítica, muitas das vezes, só possa ser observada nas vírgulas sutis dos vocábulos, em que se desdobra a troca de experiência que dá um rosto as dores do cárcere, transformando-as e, sentindo-as. Não são mais apenas cinzas, poeira, constituem partículas, porque, em verdade, sempre esteve ali sua identidade, sua singularidade. A filosofia e a literatura permitem depurar as sensações de morte produzidas nas galerias muitas vezes úmidas e escuras, e às vezes claras, mas claras de um tom sem vida, pálidas, trazendo “*un haz de fuego*”<sup>6</sup> necessário para a criação da arte que aponta para o indizível, da expressão em si, da vida. E aí está também a necessidade de desfazer *preconceitos* a fazer o justo falar e, acreditamos que este ensaio narrativo busque justamente isso: dar visibilidade rara que possui a dor humana, muitas vezes permitida a transformar-se através da arte, mas ela mesma também como um estado de dor.

Entretanto, o ensaio, não é, pois, uma forma artística. É, de outra parte, aproximação com a autonomia estética que ele busca, tensão entre conteúdo e a forma como se expõe.<sup>7</sup> Tal como na arte, faz aflorar o não-idêntico entre a apresentação e a coisa, sua singularidade. Não para transformar em arte os elementos de uma exposição filosófica ou mesmo científica, mas é preocupar-se com o pensamento crítico e tornar possível em um meio onde a forma, geralmente

<sup>6</sup> JABÈS, Edmond. *Carta a Jacques Derrida sobre la Cuestión del Libro*. In **Eso sigue su curso – El libro de las márgenes I**. Traducción de David Villanueva. Madrid: Arena Libros, 2004, p. 41.

<sup>7</sup> ADORNO, T. *O ensaio como forma*. p.44: “(...) o ensaio é mais dinâmico do que o pensamento tradicional, por causa da tensão entre a exposição e o exposto (...)”.

fechada, acaba por esquadrihas limites naquilo que é impossível de ser esquadrihado, justamente para que não se permita dizer o que, de alguma forma, não se quer que ecoe. O ensaio articular-se, como ato que sai das entranhas e dá o que pensar, conceitos e seu fim volta-se para a verdade desprovida de *aparência estética*. Assim, conforme Adorno, através do ensaio há uma *liberdade do espírito* que possibilita a expressão de uma reflexão séria, porém, não dogmática: metodicamente sem método, para além do método. E este é o estado da nossa procura pela arte, compreender as questões de Estética e de Arte, mas também porque escrever poesia – aqui como metáfora – é ainda mais necessário e urgente depois da(s) catástrofe(s), pois é deste momento de singularidade da estranheza da arte que a diferença pode ser respeitada. Por outro lado, cumpre-nos também apontar de maneira crítica em que momento o discurso da Arte na prisão passa a confundir-se com uma *re-produção* da Indústria Cultural, a esta articulação de uma breve distinção entre Estética e Arte, Obra de Arte e Indústria Cultural – aqui relacionando com o que fora observado dos projetos acompanhados no cárcere, é o que se procura desenvolver em nosso *terceiro capítulo*. Tal como chegamos ao fim do capítulo a questão da tríade Justiça, Estética e Ética: pois, no fim é uma questão de justiça sobre a *imagem* do grotesco que emana da prisão, desconstrução de um destino já pré-determinado.

Resta assim justificada a realização deste trabalho para um não-conceito de Criminologia, mas como suspiro Ético que possa emanar da relação com o Outro e a realidade que traça seu movimento através do cotidiano do real e da observação participante (nos termos técnicos) dos Projeto MC's Para Paz (Penitenciária Estadual do Jacuí e Penitenciária Estadual de Arrio dos Ratos) e Artinclusão (Fundação de Atendimento Socioeducativo), e por isso também a nossa escolha de escrever na primeira pessoa do *plural* ao longo do ensaio sinalizando para uma responsabilidade ética, pois “Nós não é plural de Eu”<sup>8</sup>, além de estarmos acompanhados por um universo plural de pesadores, e, entretanto, quando chegarmos no capítulo em que nos dedicamos a compartilhar aquilo que da experiência mais nos tocou, a experiência que nos interpela, interpela também a escrever na primeira pessoa do *singular* como gesto ético com o *encontro* com estes Outros ao narrar uma história que deixa suas marcas pelo *acontecimento*, pelo contato com o próximo que causa estranheza, estrangeiridade ao ser abraçado por aqueles olhares num lugar totalmente *diferido* do meu: “*Me di cuenta, un día, de que algo me importaba por encima de todas las cosas: ¿cómo definirme como extranjero? [...] Mi di cuenta, después, de que, en su vulnerabilidad, el extranjero sólo podía contar con la*

---

<sup>8</sup> LEVINAS, Emmanuel. *O eu e a totalidade*. In **Entre nós: ensaios sobre a alteridade**. Tradução de Pergentino Stefano Pivatto, 3ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004, p. 62.

*hospitalidad que le brindase el prójimo*”.<sup>9</sup> Acompanhados por todos os sussurros e balbuciar que nos chegam, ficando perceptível a companhia de quem estamos, Benjamin e Adorno para o não-lugar da forma dada a este trabalho mas para além disto. Estamos também fortemente na presença de Emmanuel Levinas e por vezes marcados por Jacques Derrida, dentre outros, acompanhados pelos assombros da literatura de Kafka, Canetti e Dostoiévski e, em especial, pela poesia de Paul Celan e Edmond Jabès.

Assim, partimos em companhia de Zaffaroni com a premissa de que a Criminologia é o saber e a *arte* de esparramar discursos *perigosistas*<sup>10</sup> por isso, desenvolveremos este trabalho começando por aquilo que, outrora representaria provavelmente, o *fim*, diante da necessidade de deixar ainda no começo – mesmo que se esteja no fim, a intuição do que significa Criminologia para nós aqui, como já referimos, e permitindo *uma* abertura à irrupção da linguagem desde outro lugar, antes dela, através da ética.

---

<sup>9</sup> JABÈS, Edmond. **El libro de la Hospitalidad**. Traducción de Sarah Martín. Madrid: Editorial Trotta, 2014.

<sup>10</sup> Cf. ZAFFARONI, Eugenio Raúl. **Criminología: aproximación desde un margen**. Santa Fé de Bogotá: Editorial Temis, 1988.

**Reflexões Finais. Im-possibilidade do Fim. O grito para uma abertura é(sté)tica:  
“emprender o negativo, pois o positivo já nos foi dado”**

*Escrever, não como palavras de sombra ou de luz, mas com a sombra e a luz das palavras. A eternidade, o infinito estão no que se calou. Respeitar esse silêncio. A mão só, por intermédio do pincel ou da pena, o pode. Só, o olho ávido por ver. Os verdadeiros artistas sabem que não podem totalmente se exprimir senão pelo silêncio. Então a mão reencontra toda sua liberdade de mão inspirada, toda sua potência contida de olho. Soberania do olho. [...] Palavra por palavra. [...] O infinito o atravessava, Infinitamente, ele me atravessava. Talvez, não haja horizontes?<sup>11</sup>*

O defunto que, ao perambular, sai contando a sua vida por aí. Seu esqueleto conta suas memórias de subsolo, afinal, mesmo em vida, era assim que se sentia, no subsolo era um sujeito que nasceu morto e por conta disso, seguiu sobrevivendo a sua invisibilidade. Características encontradas na literatura de Dostoiévski, Machado de Assis, Franz Kafka, e em cada um deles de uma maneira toda outra também porque as experiências de cada narrador ou personagem são sempre únicas, singulares. Assim a Criminologia talvez deva atravessar a sua morte desta maneira, voltar os seus olhos que ficaram cegos no parto, para o interior do subsolo da realidade, onde o grotesco é a expressão da vida real, estes cadáveres estão a sussurrar a “rouquidão dos dias”<sup>12</sup>.

Há uma crueza na vida que raramente é capturada no cotidiano. Talvez o cotidiano não possa capturar a sutileza de sua própria realidade. Mas, é quando essa realidade cercada de um cotidiano que não é nosso, passa diante dos olhos que parece podermos despertar ao toque leve, mas profundo desta crueza. Algumas vezes parece estar exposta apenas no teatro, com as suas extravagantes interpretações e lá, rimos, choramos, nos tocamos, mas com a lágrima que passa ao lado, nem sempre. E é ali que os espasmos de vida estão pulsando: “e entretanto o ensaio permanece sendo “ideia”, na medida em que não capitula diante do peso do existente, nem se curva diante do que apenas é.”<sup>13</sup>

A imposição “da” verdade do existente sobre aquele que cometeu um crime, descola o sujeito de sua vida para falar de uma parcela pequena de si, mas suficiente para revelar “a” grande verdade sobre ele. Assim, a conexão entre o saber, conhecimento, cultura e arte acaba

---

<sup>11</sup> JABÈS, Edmond. *André Marfaing 1989*. In **Desejo de um começo, angústia de um só fim; A memória e a mão; Um olhar**. Tradução de A. M. Casal e E. A. A. Filho. São Paulo: Lumme Editor, 2012, p. 149 - 150.

<sup>12</sup> Jayme Paviani, citação em: SOUZA, Ricardo Timm de. *Estética, Sombras e História – Um estudo sobre as concepções estéticas de Levinas e Adorno*. In **Totalidade & Desagregação: sobre as fronteiras do pensamento e suas alterativas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p. 161.

<sup>13</sup> ADORNO, T. *O ensaio como forma*. p.45.

por demonstrar uma não possibilidade de uma grande verdade sobre aqueles que cumprem suas penas, mas uma complexidade que ultrapassa qualquer possibilidade de limitar a *vida danificada a um centésimo de seu valor*. É como possibilidade de colocar à baila essa complexidade que a *arte* (como passou a ser compreendida na contemporaneidade) presta-se a esta troca de linguagens, muito além de um cientificismo que queira limitar-se a discussão do *logos do crime* para solucionar os problemas de segurança e seu imaginário, rompendo a ideia de tempo linear em que o crime ocorre, para a subjetividade daquela vida *desde sempre já* danificada, trazendo a afirmação da vida, com toda a pluralidade do Outro que irrompe cicatrizes em minha pele, me interpela e me convoca à diferença, e então estamos convocados ao justo consigo mesmo e com este Outro que por seus gestos no limiar de vida e morte faz-me experimentar a impossibilidade de uma verdade conceitual a que se presta o *discurso acadêmico e, mesmo jurídico*, pois é no lastro da vida que a linguagem com o seu silencioso testemunho grita ecos das vozes que emudeceram através de uma é(st)ética talvez inteligível para o tempo-linear e para o código, mas simbologia de sobrevivência após *o* nascer morto, abertura para respirar. Por isso, talvez nunca tenha sido tão atual a frase de Adorno, “é preciso empreender o negativo, pois o positivo já nos foi dado”.

O sentido cresce na negação do sentido. É a responsabilidade ética que está em movimento ao longo da escrita porque a vida é este movimento, e a rejeição deste processo ético significaria a aniquilação de algum destes movimentos de realidade, aniquilação do Outro, implicando, em certo sentido, também na minha aniquilação. Como em Beckett, entre o poder e o destino da escrita, um limite-escritura que chega e resta inacabada, onde se opera e se desdobra, naquilo que simplesmente nos estira à absoluta dispersão, escrever não sendo mais possível escrever, escrever para adiar a escrita, e apesar de tudo, escrever. É preciso continuar.

E ao fim, ainda nos resta questionar o quanto estes projetos auxiliam para um *status quo* permanente destes cadáveres marginalizados, ou melhor, a um *status quo* marginalizante imprimindo a ideia da sua realização em *nome de* alguém para que tenham voz, no entanto, que consegue ainda lançar o olhar sobre eles, já o lança com o estigma de que é possível ressocialização na cadeia. Re-socializar o sempre morto? Apesar do colorido dos projetos em meio a opacidade da cadeia, eles ainda atingem uma parcela muito pequena da massa carcerária. Entretanto, parece que haver dois lados. Por um, contribui para a manutenção de um *status quo anterior*, por outro, é certo que dar espaço de voz causa no sujeito uma singular força, real desejo de sobreviver para contar a sua história, para lutar contra a situação que ele se colocou, mas que também foi colocado quando nasceu defunto. É a evidência de que a ampliação de

projetos como estes deve ocorrer para romper – finalmente? – com o véu cego das prisões, com essa “exclusão” ou divisão entre o grotesco e os homens normais/de bem. Dicotômica divisão falsa e, no entanto, verdadeira no imaginário de quem *monstrualiza* o “sujeito preso”, afinal o defunto fede.

E a isto deve servir o pensamento que nega a injustiça: a verdade que traz cada história e que resiste a sussurrar o seu balbuciar de ruídos na busca incessante de ser ouvido, apesar de sua voz rouca, ecoado, e que possa, enfim, ressoar a vida com sua dignidade de ser vivida, ao romper o cordão umbilical de uma disciplina articulada com a punição do crime. Quem está à frente destes projetos, que procura ser uma felpa de esperança e ao mesmo tempo de acalanto para quem sobre si recai a pena, deve ter em seu horizonte e em seus passos sempre a dúvida, o questionamento do que está fazendo para não, ainda que indiretamente, reforçar uma cultura punitiva e de manutenção de desejos de consumo, reproduzindo uma cultura que reafirme a Indústria Cultural e todo seu arcabouço de manutenção do capital – “o funcionamento da aparelhagem econômica exige uma direção das massas que não seja perturbada pela individuação”<sup>14</sup> e “o senso de realidade, a adaptação ao poder, não é mais resultado de um processo dialético entre sujeito e realidade, mas é imediatamente produzido pela engrenagem da indústria”<sup>15</sup> –, o importante cuidado de não transformar aqueles homens e meninos em fantoches ou marionetes, para referir ainda Ricardo Timm de Souza, do poder e do dinheiro, que passam a reproduzir sem cessar qualquer coisa que lhes fora dado para reproduzir e aniquilar qualquer chance de sua subjetividade, de sua identidade, uma linguagem de subsolo que não deve ser trancafiada no porão, mas sutilmente ecoar. Estamos nos “estertores da criminologia”, lugar-limite, limiar à borda da dobradiça de um entre-lugar de desconforto nessa ranhura, fissura de um subsolo mofado, em que a Criminologia deve estar a tocar-se e a tocar.

“Uma palavra vale a uma moeda. O silêncio, duas”, nos ensina o *Talmud*. Assim, mesmo quando nos faltaram palavras para fazer o esforço que é este de compartilhar uma experiência e tentar levantar uma discussão acerca de um lugar que sua lógica é sempre outra aos olhos mascarados com os quais vemos essas instituições, restou o esforço de encontrar o silêncio para fazer o questionamento ético sobre a cultura punitiva, sobre a memória destes natimortos, a ética e o ideal de justiça ressoar através da busca incessante pela linguagem de uma criminologia toda outra que saia dos bordões da disciplina criminológica que a mata ao nascer, e adentre a vida, a vida na sua forma mais crua, nua e esburacada que é esta *post mortem*

---

<sup>14</sup> ADORNO, T. W. HORKHIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*, p.168.

<sup>15</sup> ADORNO, T. W. HORKHIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*, p.169.

de uma ideia de vida que procura sobreviver depois de nascer condenada à morte, pois o anúncio de morte já chegou desde a origem, desde o nascimento, ali onde a sentença encontra o corpo, o espírito já é resistência de um gesto que respira a tentativa de se movimentar apesar-de-tudo, apesar da prisão, o vocábulo resiste sobre o tempo-morto. Não alcançamos mais a palavra, resta a memória que procurará fazer justiça a lembrança da dor – o trauma do encontro com o Outro – de cada olhar lançado, como o aperto de mãos: “*Je ne vois pas différence, écrit Paul Celan à Hans Bender, entre une poignée de main et un poème*”<sup>16</sup> – em cada vão do encontro com *os outros* neste subsolo, nascente de uma vida que, apesar do fim, continua.

---

<sup>16</sup> “Eu não vejo diferença, escreve Paul Celan à Hans Bender, entre um aperto de mãos e um poema”. In LEVINAS, E. **Paul Celan: de l’être à l’autre**. Paris: Fata Morgana, 2002, p.15, tradução livre.

## Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor W. **Dialética Negativa**. Tradução de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

\_\_\_\_\_. **Minima Moralia**. Tradução Gabriel Cohn. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.

\_\_\_\_\_. **Notas de Literatura III**. Tradução Celeste Aída Galeão e Idalina Azevedo da Silva [texto extraído e traduzido do original alemão *Noten zur Literatur III, da Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main, 1965*]. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro Ltda, 1973.

\_\_\_\_\_. **Prismas**. Traducción de Manuel Sacristán. Barcelona: Ediciones Ariel, 1962.

\_\_\_\_\_. **Teoria Estética**. Tradução Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1982.

\_\_\_\_\_. ; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Tradução de Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

\_\_\_\_\_. **Notas de Literatura I**. Tradução Jorge de Almeida. 2ª Ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha**. Tradução de Severino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

\_\_\_\_\_. **Ideia da Prosa**. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

ATHAYDE, Celso, MV Bill; SOARES, Luiz Eduardo. **Cabeça de Porco**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

AZEVEDO, Rodrigo Ghiringhelli de; CARVALHO, Salo de [Organizadores]. **A crise do Processo Penal e as novas formas de administração da Justiça Criminal**. Sapucaia do Sul: Editora Notadez, 2006.

BARRETO, Afonso H. de Lima. **Diário do Hospício; O cemitério dos Vivos**. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.

BACHMANN, Ingeborg. **O Tempo Aprazado**. Tradução de João Barrento. Porto: Assírio & Alvim, 1993.

BECKETT, Samuel. **Fim de Partida**. Tradução e apresentação de Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. [Obras escolhidas; v. 1]. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. **Escrito sobre mito e linguagem**. Organização e apresentação de Jenne Marie Gagnebin; Tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2011.

\_\_\_\_\_. *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica* [última versão]. In CAPISTRANO, Tadeu [org.]. **Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem, percepção**. Tradução M. Lisboa e V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.  
PAHOR, Boris. **Necrópole**. Tradução de Mario Fondelli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

CANETTI, Elias. **A Consciência das Palavras: ensaios**. Tradução de Márcio Suzuki, Herbert Caro. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. **Massa e Poder**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CARVALHO, Salo de. **Antimanual de Criminologia**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2008.

CELAN, Paul. **A morte é uma flor – poemas do espólio**. Tradução J. Barrento. Lisboa: Edições Cotovia, 1998.

\_\_\_\_\_. **Arte Poética – O meridiano e outros textos**. Tradução de J. Barrento e V. Milheiro. Lisboa: Edições Cotovia, 1996.

\_\_\_\_\_. **Sete Rosas Mais tarde – Antologia Poética**. Seleção, tradução e introdução de João Barrento e Y. K. Caetano. Lisboa: Cotovia, 1993.

DERRIDA, Jacques. **Le souverain Bien – O soberano Bem**. Tradução Fernanda Bernardo. Edição Bilingue. Braga: Palimage Editores, 2004.

\_\_\_\_\_. **Memórias de cego: o autorretrato e outras ruínas**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

\_\_\_\_\_; ROUDINESCO, Elisabeth. **De que amanhã: diálogo**. Tradução Antonio Carlos dos Santos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

\_\_\_\_\_. **Força de Lei**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Memórias do Subsolo**. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Tradução de Roberto Machado. 25ª Ed. São Paulo: Graal, 2012.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GUADAGNIN, Renata. **Criminologia e Arte: diálogos através das grades do cotidiano**. Guaíba: Editora Sob Medida, 2013.

\_\_\_\_\_. *Ensaio sobre os ruídos balbuciados na rigidez da sombra: a Ala das Travestis do Presídio Central de Porto Alegre*. Disponível em e-book: < <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/cienciascriminais/IV.html> >, acesso em 18/05/2014.

GLOECKNER, Ricardo Jacobsen; AMARAL, Augusto Jobim do. **Criminologia e(m) Crítica**. Curitiba: Editora Champagnat – PUC PR; Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

JABÈS, Edmond. **A obscura palavra do deserto – uma antologia**. Tradução de Paulo Tamen. Edição bilingue. Lisboa: Edições Cotovia, 1991.

\_\_\_\_\_. **Desejo de um começo, angústia de um só fim; A memória e a mão; Um olhar**. Tradução de A. M. Casal e E. A. A. Filho. São Paulo: Lumme Editor, 2012.

\_\_\_\_\_. **Eso sigue su curso – El libro de las márgenes I**. Traducción de David Villanueva. Madrid: Arena Libros, 2004.

KAFKA, Franz. **O Veredito / Na Colônia Penal**. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 36.

\_\_\_\_\_. **O Processo**. Tradução de Modesto Carone. 2ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. **Contos, fábulas e aforismos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

\_\_\_\_\_. **Diários**. Tradução de Torrieri Guimarães. São Paulo: Livraria Exposição do Livro, sem data.

\_\_\_\_\_. **O Castelo**. Tradução de D. P. Skroski. São Paulo: Suzano.

\_\_\_\_\_. *Um Artista da Fome*. In **Um artista da fome seguido de “Na Colônia Penal” & outras histórias**. Tradução de Guilherme da Silva Braga. Porto Alegre: L&PM, 2012.

LAITANO, Grégori Elias. **Por uma criminologia do encontro: um ensaio**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2012.

LESKOV, Nikolai. **A Fraude e outras histórias**. Tradução de Denise Sales. São Paulo: Editora 34, 2012.

LEVINAS, Emmanuel. **Humanismo do outro homem**. Tradução Pergentino S. Pivatto (coordenador), 4ª. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. **Los imprevistos de la historia**. Tradujo Tania Checchi. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2006.

\_\_\_\_\_. **Entre nós: ensaios sobre a alteridade**. Tradução de Pergentino Stefano Pivatto. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. **De l’oblitération - entretien avec F. Armengaud**. 2ª Ed. Paris: Éditions de la Différence, 1998.

\_\_\_\_\_. **Paul Celan: de l’être à l’autre**. Paris: Fata Morgana, 2002.

MAYER, Hans. **Os Marginalizados**. Tradução de Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1985.

PANDOLFO, Alexandre Costi. **A Criminologia Traumatizada: um ensaio sobre violência e representação desde a crítica dos discursos criminológicos hegemônicos no século XX.** Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2012.

PANDOLFO, Alexandre. *Thomas Mann e Theodor Adorno, ética e estética.* In **Letrônica.** Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 388 – 404, jan./jun., 2013.

PAZ, Otávio. **Os Filhos do Barro.** Tradução de Olga Savary. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PERIUS, Oneide. **Esclarecimento e dialética negativa: sobre a negatividade do conceito em Theodor W. Adorno.** Passo Fundo: IFIBE, 2008.

SCAPINI, Marco Antonio de Abreu. **Criminologia & Desconstrução – Um ensaio.** Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2012.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Adorno.** São Paulo: Publifolha, 2003.

SOUZA, Ricardo Timm de. “*O nervo exposto – por uma crítica da ideia de razão desde a racionalidade ética*”. In: GAUER, R. M. C. (Org.). **Criminologia e sistemas jurídicos-penais contemporâneos II.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

\_\_\_\_\_. **ADORNO & KAFKA: Paradoxos do Singular.** Passo Fundo: IFIBE, 2010.

\_\_\_\_\_. **Em Torno à Diferença, Aventuras da Alteridade na Complexidade da Cultura Contemporânea.** Rio de Janeiro. Lumen Juris, 2008.

\_\_\_\_\_. **Kafka: a justiça, o veredicto e a colônia penal, um ensaio.** São Paulo: Perspectiva, 2011.

\_\_\_\_\_. **Levinas e a ancestralidade do Mal: Por uma crítica da violência biopolítica.** Porto alegre: EDIPUCRS, 2012.

\_\_\_\_\_. **Metamorfose e extinção – sobre Kafka e a patologia do tempo.** Caxias do Sul: EDUCS, 2000.

\_\_\_\_\_. **Razões plurais: itinerários da racionalidade no século XX: Adorno, Bergson, Derrida, Levinas, Rosenzweig.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

\_\_\_\_\_. **Sobre a Construção do Sentido: o pensar e o agir entre a vida e a filosofia.** Porto Alegre: Perspectiva, 2008.

\_\_\_\_\_. **Justiça em seus termos – dignidade humana, dignidade do mundo.** Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010.

\_\_\_\_\_. **Totalidade & Desagregação: sobre as fronteiras do pensamento e suas alterativas.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

\_\_\_\_\_. **Escrever como ato ético.** Letras de Hoje (Online), v. 48, p. 223-226, 2013.

. *Escrever o livro do mundo - memória como substância ética da literatura, ou: a obra literária como memória do presente*. In: Ana Maria Lisboa de Mello. (Org.). **Escritas do eu - introspecção, memória, ficção**. 1ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013, v. 1, p. 60-68.

ZAFFARONI, Eugenio Raúl. **La palabra de los muertos: conferencias de criminología cautelar**. 1ª Ed. Buenos Aires: Ediar, 2011.

\_\_\_\_\_. **Criminología: aproximación desde un margen**. Santa Fé de Bogotá: Editorial Temis, 1988.